

A macroeconomia de Rangel e a macroeconomia desenvolvimentista de hoje

Congresso Internacional do Centro Celso
Furtado, agosto de 2014

Luiz Carlos Bresser-Pereira
www.bresserpereira.org.br

O primeiro macroeconomista desenvolvimentista

- ▶ Ignácio Rangel, ao publicar em 1963 sua “Inflação Brasileira” tornou-se o primeiro macroeconomista desenvolvimentista.
- ▶ Não encontro na literatura da “development economics”, que podemos também chamar de “teoria estruturalista do desenvolvimento”, nenhum autor anterior a ele que possa ser chamado de macroeconomista.



Mas e a teoria estruturalista da inflação?

- ▶ Sim, houve esta teoria, proposta por Loyola na CEPAL do México, em 1956.
- ▶ Mas esta era apenas uma teoria de inflação que a explicava através de estrangulamentos na oferta.
- ▶ Estes, porém, tendiam rapidamente a desaparecer na medida em que a economia se desenvolvia, como Pastore mostrou muito cedo.



E o teoria keynesiana da inflação?

Também é inaceitável para Rangel.

Para ele, pelo menos naquele momento de crise (1963) a inflação não derivava do excesso de demanda, mas, ao contrário da capacidade ociosa.



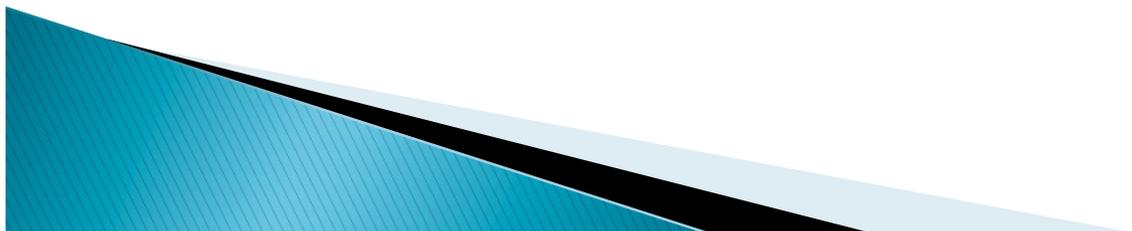
Sua tese central

- ▶ É a de que a inflação é uma defesa da economia que sofre de capacidade ociosa.
- ▶ “A elevação sistemática dos preços, desvalorizando a moeda, **criando a expectativa de ulterior desvalorização**, deprime a preferência pela liquidez, e, assim, induz immobilizações, que não ocorreriam se a moeda fosse estável. São immobilizações adicionais que põem em movimento a renda. É por isso que a renda real pode ser definida como uma função da inflação, **entre nós**.”



O que acontecia então “entre nós”

- ▶ O Brasil fora comandado depois dos anos 1930 pelo capital industrial, e agora abria-se espaço para o capital financeiro nacional.
- ▶ O capital financeiro nacional, para ele, era uma “força de libertação”, como também o era o Estado, enquanto que “o capital financeiro das potências dominantes é uma força de opressão”.



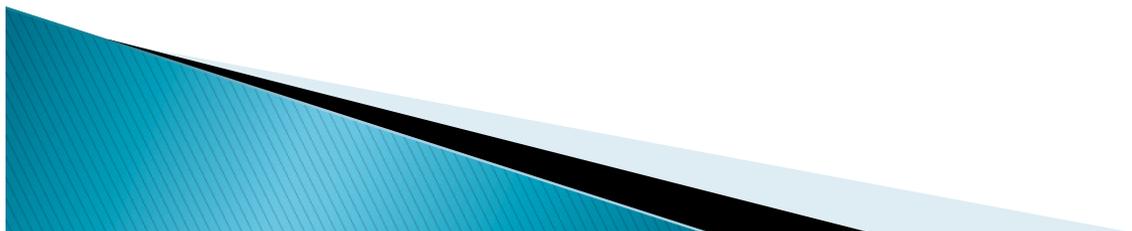
Esse capital financeiro

- ▶ “estava surgindo com extraordinário vigor, sob o impulso da oferta de capitais a taxas negativas de juros reais” (XVI).
- ▶ “Nosso desenvolvimento e nossa própria soberania nacional dependem de que seja levado a bom termo o trabalho desses banqueiros se interessam pela indústria, ou por esses industriais que se interessam pelo negócio do dinheiro – entre os quais devemos destacar o próprio Estado, que é o maior banqueiro e que, afinal, é o primeiro candidato aos recursos financeiros a serem mobilizados” (XVII).



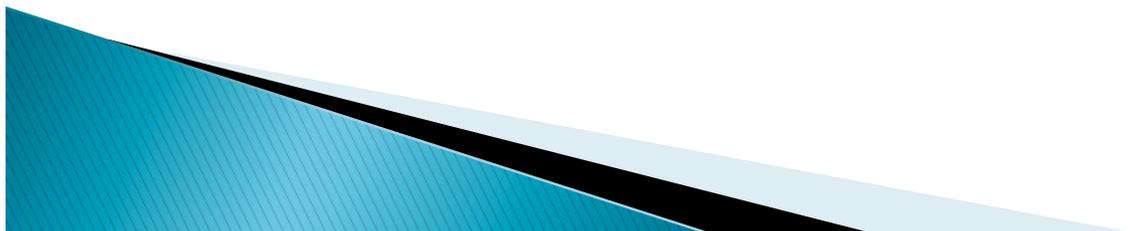
E a teoria monetarista? O caráter endógeno da oferta de moeda

- ▶ É igualmente inaceitável para Rangel. A inflação não deriva da emissão, porque a quantidade real de moeda é um dado “empírico”, ou seja, **a oferta de moeda é endógena**. É um valor que não pode ser mudado pela emissão pela Casa da Moeda.
- ▶ Para Rangel é fácil compreender esse caráter endógeno a partir da equação de trocas ($MV=PT$).
- ▶ “É óbvio que **ou** os preços sobem quando o governo emite (como postulam os monetaristas), **ou**, ao contrário, é o governo que emite quando os preços sobem”.
- ▶ Porque, diante da inflação, as empresas reterão estoques, crescendo seu realizável a custa de seu disponível, e obrigando a empresa a recorrer ao sistema bancário. E, este, ao Banco do Brasil (que era também banco central).



Por que o governo emite

- ▶ O governo emite para garantir a liquidez real do sistema econômico e, assim, proteger as empresas.
- ▶ “E para socorrer o caixa do Banco do Brasil que o governo emite, o que quer dizer que a inflação não se gera no seio da União, uma vez que tem origem no bojo da economia, por efeitos de movimentos autônomos da empresa privada”. (9)
- ▶ “O papel do governo é portanto passivo”.(10)
- ▶ Se o governo não emitir, “começam a aparecer empresas, ou atividades econômicas inteiras em dificuldades, ameaçando lançar seus trabalhadores no desemprego”. (10)
- ▶ “O governo não emite para cobrir déficits. Ao contrário, suscita déficits para poder emitir”.



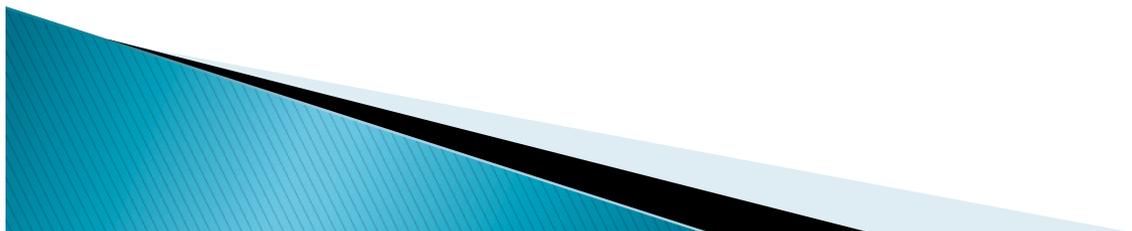
Caráter inercial da inflação

- ▶ Osmani Pontes e André Modenesi escreveram trabalho recente mostrando que Rangel já pensava em termos inerciais. E que ele influenciou a mim e a Nakano quando desenvolvemos a teoria da inflação inercial. (“A curva de Rangel: origem, desenvolvimento e a formalização de Bresser–Pereira e Nakano”).
- ▶ Eles têm razão, embora o que estava claro em Rangel era o caráter endógeno da inflação, que é essencial para a inércia.
- ▶ Nos anos 1980, nas nossas conversas e em artigos nos jornais, Rangel se insurgia contra a teoria inercial. Por respeito, eu ficava calado. No fundo, ele estava criticando sua própria teoria.
- ▶ Vejam este exemplo de como ele intuía a inércia: “A inflação regular e institucionalizada leva todo o corpo social à certeza ou à razoável expectativa de que a moeda se desvalorizará a uma determinada taxa anual”.



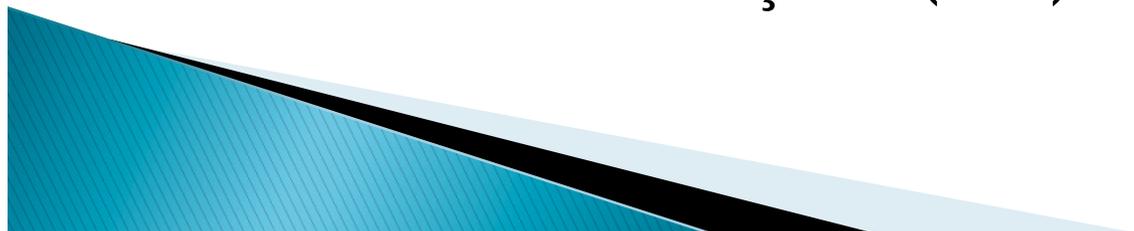
Inflação e capacidade ociosa

- ▶ Lembrem-se que Rangel escrevia em um período de crise, depois de um longo período de alto crescimento.
- ▶ Nesse quadro, a inflação obrigava as empresas a investir e as famílias a consumir para, assim, diminuir sua liquidez, ao mesmo tempo em que aumentavam seus preços. (18)
- ▶ O que era bom, porque, “a demanda efetiva de capital é não apenas insuficiente, mas cada vez mais insuficiente”. (38)
- ▶ Assim, “a inflação emerge como um recurso heterodoxo, mas eficaz, para manter a elevada taxa de imobilização”.



Papel dos oligosônio-oligopólios

- ▶ Mas, se a concorrência fosse efetiva, as empresas não poderiam nem immobilizar, nem aumentar preços quando a demanda está fraca.
- ▶ Por isso Rangel exclui essa hipótese.
- ▶ Para ele os oligopsonios e oligopólios existentes principalmente na comercialização agrícola são “uma peça essencial na máquina infernal da inflação” (XIX).



A curva de Rangel

- ▶ Em 1985, Rangel volta a analisar a inflação e mostra a “curva de Rangel”.
 - ▶ “Há pelo menos um quartel de século a inflação integra a síndrome da recessão, isto é, surge ou se exacerba *quando a economia se desaquece* e, inversamente, tem sua intensidade reduzida quando *a economia se reaquece.*” (*Revista de Economia Política pg.5*)
 - ▶ De fato, entre 1961 e 1965, usando seus dados:
 1. a produção industrial deixa de crescer enquanto a inflação sobe;
 2. a partir de 1965 a produção industrial cresce, enquanto a inflação cai até 1974; e
 3. a partir 1975, a produção industrial perde força, enquanto a inflação volta a subir.
- 

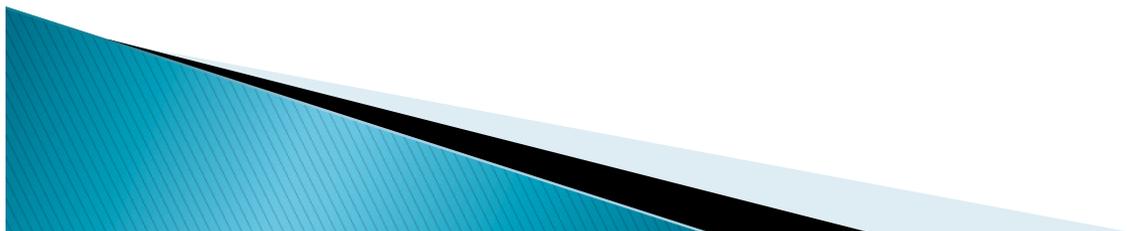
Rangel associa a inflação ao ciclo econômico, que é central em sua obra

- ▶ Para Rangel a inflação está ligada de forma inversa ao ciclo econômico: “Nas fases ascendentes, pelo menos no último quartel de século, a taxa média de inflação declina, exacerbando-se nas fases recessivas”.(85:13)
- ▶ Quando o ciclo entra em declínio, continuar investindo nos mesmos setores é ruinoso, e as empresas, diante da capacidade ociosa, aumentam seus preços. A situação só mudará quando novos setores ganharem força.
- ▶ No período recessivo, a inflação leva as empresas a imobilizar e os consumidores a aumentar suas despesas, para evitar a liquidez.



Explicações novo-desenvolvimentistas

- ▶ Há duas explicações que não dependem do poder de monopólio. São explicações novo-desenvolvimentistas:
 1. A primeira, que não chega a explicar a curva de Rangel mas explica porque a inflação não cai na recessão, é a inércia inflacionária que estava implícita em sua obra.
 2. A segunda está no fato que a desaceleração econômica está sempre associada a uma crise de balanço de pagamentos que causa depreciação brusca e causa inflação. Foi o que aconteceu em 1960.
- ▶ De fato,
 - ▶ em 1961 temos uma crise cambial que acelera a inflação.
 - ▶ em 1975 não chegou a haver crise cambial, mas, diante do primeiro choque do petróleo, as exportações caem e o câmbio se aprecia, e a inflação aumenta, ao mesmo tempo que a economia se desacelera .



Macroeconomia Desenvolvimentista

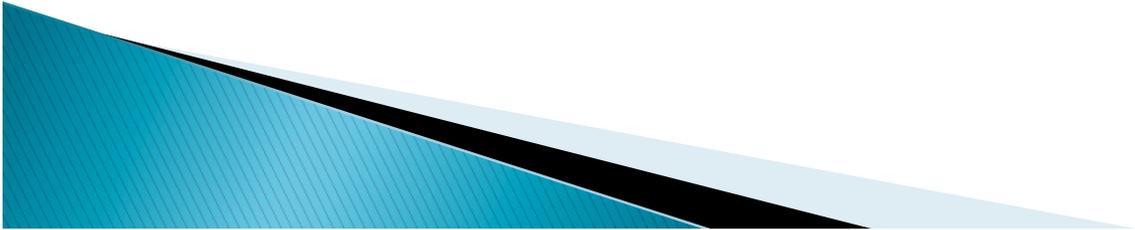
- ▶ Poderia continuar a resenhar a macroeconomia de Rangel, mas paro aqui. Observo que dois modelos fundamentais do novo desenvolvimentismo e de sua macroeconomia desenvolvimentista provavelmente ocorreram para o discípulo graças ao ensino do Mestre:
 - ▶ 1. a teoria da inflação inercial
 - ▶ 2. a tendência à sobreapreciação cíclica e crônica da taxa de câmbio.



Novo desenvolvimentismo: um herdeiro crítico do desenvolvimentismo clássico

- ▶ Concorda que desenvolvimento econômico é sofisticação produtiva.
- ▶ Defende o planejamento, mas só do setor não competitivo da economia
- ▶ Defende, como Prebisch desde 1963, o crescimento das exportações de manufaturados. Acrescenta à TDTI a TSCCTC.
- ▶ Afirma que não basta demanda efetiva; é preciso que o câmbio garanta **acesso** a ela.
- ▶ Rejeita o crescimento com poupança externa.
- ▶ Defende a distribuição via impostos progressivos e não via câmbio.





Fim

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Professor Emérito da Fundação Getúlio Vargas
www.bresserpereira.org.br

